

**RELAÇÕES DE GÊNERO E A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA
NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE ORIZONA/GO**

***GENDER RELATIONS AND THE PEDAGOGY OF ALTERNATION
IN ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA OF ORIZONA/GO***

Iara Ribeiro Silva¹(UNEFAB)

Lúcia Helena de Assis Machado²(UEG)

RESUMO: Este trabalho aborda novas perspectivas de relações de gênero a partir das contribuições da Pedagogia da Alternância e da experiência da Escola Família Agrícola de Orizona, objetivando compreender de que forma a proposta pedagógica interfere na construção de novos comportamentos e novas relações entre homens e mulheres jovens. O estudo aborda as questões teóricas das relações de gênero e poder, como relações socialmente construídas, faz uma discussão acerca da Pedagogia da Alternância que possibilita a construção de novas relações e apresenta a experiência da Escola Família Agrícola de Orizona como um exemplo real dessa possibilidade. Ao final, este trabalho pretende contribuir para ampliar a reflexão sobre os papéis masculinos e femininos na sociedade e possibilitar este diálogo a partir de uma proposta pedagógica emancipadora.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Poder. Pedagogia da Alternância. Escola Família Agrícola.

ABSTRACT: *This essay opens new perspectives on gender relations, from the contributions of the Alternating Cycle Pedagogical System and the experience of the Family Centre of Education (EFA) of Orizona; its objective is to grasp how the impact of this pedagogical approach in terms of building new behaviours and new relations between young men and women. This analysis tackles the theoretical issues of gender and power, as socially constructed relations, discusses the Alternating Cycle Pedagogical System which allows to build new relations, and presents the experience of the Orizona Family Centre of Education as a practical example of this possibility. Ultimately, this study aims at contributing to broadening the reflexion on male and female roles in society and making this dialogue possible through an emancipatory pedagogical proposal.*

KEYWORDS: *Gender. Power. Pedagogy of Alternation. Family Centre of Education.*

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Especialista em Formação Docente Interdisciplinar: diversidades goianas, pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus de Pires do Rio, Goiás, Brasil. Secretária Executiva na União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB). E-mail: iarapjr@gmail.com

² Mestre em Educação – Área de Metodologia de Ensino, pela Universidade Federal de São Carlos. Professora de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus de Pires do Rio, Goiás, Brasil. E-mail: luciahelenaueg@yahoo.com.br

Introdução

Falar de relações de gênero é falar de relações de poder. Na medida em que as relações existentes entre masculino e feminino são desiguais, assimétricas, mantém a mulher subjugada ao homem e ao domínio patriarcal. Começamos a entender através da definição desse conceito. Para a organização das feministas, gênero é a “maneira de referir-se a organização social da relação entre os sexos”. Para Neuenfeldt (2005), citada por Pereira (2006, p.11), “gênero é uma construção social que define as características culturais e históricas atribuídas a um ou outro sexo [...] Gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

O termo gênero é usado para indicar a construção social do ser homem e do ser mulher. É uma categoria social, ou seja, um instrumento de análise capaz de explicar uma determinada face das relações sociais, assim como classe e raça/etnia. Indicam traços típicos os papéis que culturalmente foram atribuídos a homens e mulheres, estabelecendo um determinado padrão de relações sociais. Pode-se dizer que gênero é o sexo socialmente construído, ou seja, o homem e a mulher do jeito que são moldados, construídos e reconhecidos por uma determinada sociedade, em uma determinada cultura. Essa construção vai se dando no dia-a-dia, à medida que a criança vai sendo socializada e vai introduzindo o modelo de homem ou mulher que lhe é apresentado.

Entendido o conceito e a leitura necessária de que gênero é uma construção social, é que partimos para prática docente na Escola Família Agrícola de Orizona, espaço privilegiado para construção de relações de gênero diferenciadas. A escolha deste espaço se justifica a partir da prática pedagógica diferenciada que é a Pedagogia da Alternância com seus diferentes instrumentos pedagógicos que possibilitam a interação entre homens e mulheres jovens nas atividades cotidianas, que são consideradas no todo ações formadoras e transformadoras, permitindo a quebra de tabus e de pré-conceitos quanto ao ser homem e ser mulher na sociedade hoje.

Esta escola nasce a partir da proposta pedagógica da Pedagogia da Alternância, que tem origem na França, na década de 1930 por iniciativa de um grupo de camponeses e um pároco que acreditava ser possível ter uma escola que atendesse às necessidades do meio rural e que ajudasse a ampliar as possibilidades dos conhecimentos básicos dos jovens do campo. O

ensino e a aprendizagem em alternância integram o meio escolar (teoria) ao meio sócio profissional familiar (prática). Esta proposta está alicerçada nos pilares: Formação integral, Desenvolvimento do meio (pilares fim); Alternância e Associação local (pilares meio). Estes pilares direcionam o processo formativo e criam condições para que a convivência entre mulheres e homens jovens seja harmônica, onde os valores do patriarcado sejam desconstruídos cotidianamente.

Neste sentido, o professor, que passa a ser monitor, pois sua ação transcende a docência e segue no sentido de acompanhar e ajudar o aluno em todas as suas atividades escolares e também no meio socioprofissional, exerce um papel importante na desconstrução dos valores pré-estabelecidos pela sociedade patriarcal e na construção de novos valores.

E nesse campo de novas perspectivas quanto às relações de gênero socialmente construídas de forma diferenciada e sobre a prática docente que este estudo se propõe a traduzir um pouco do trabalho realizado pela Escola Família Agrícola de Orizona, objetivamos compreender de que forma a prática pedagógica, interfere na construção de novos comportamentos e novas relações entre homens e mulheres jovens. E Quais as contribuições que a Pedagogia da Alternância oferece aos jovens em formação, que possibilita de maneira didática a mudança de paradigmas pré-estabelecidos e pré-conceitos vindos da formação patriarcal adquirida pelos jovens em suas famílias e comunidades.

O trabalho foi desenvolvido na Escola Família Agrícola de Orizona/GO - EFAORI, localizada Rodovia GO 424 - KM 02, Zona Rural. A metodologia utilizada consistiu de pesquisa bibliográfica com atenção especial aos principais teóricos da Pedagogia da Alternância na Europa e no Brasil, também livros, revistas, teses e dissertações.

Relações de Gênero e Poder

A sociedade, ao conceituar os gêneros, atribui ao homem e à mulher características desiguais. As características masculinas receberão conotações positivas e as femininas conotações negativas. Essa visão explica a estrutura das relações desiguais estabelecidas através dos séculos, bem justificadas na cultura e na religião, de dominação do homem sobre a mulher, determinando a submissão como sendo “natural”. Esta visão pode ser mais compreendida quando entendemos o regime do Patriarcado:

O patriarcado constitui-se em um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres, com uma organização cultural e histórica baseada na solidariedade masculina, o que lhe concede força, poder e alimenta sua existência, alicerçado no controle das vontades, dos interesses e no medo que perpassa gerações e gerações, por séculos e séculos. Tal forma de relação de gênero é considerada a mais extensa e a mais antiga relação de dominação humana, possuindo enorme capacidade de variação e de adaptação aos diversos modos de vida social, tendo em vista que esse sistema de dominação/controla aprimora-se diante das transformações nas relações sociais e de gênero, mostrando uma vitalidade que contribui para sua própria legitimidade e naturalização. (FARIAS, 2002, apud SILVA e MENEGAT, 2010, p.10)

O termo gênero é usado para indicar a construção social do ser homem e do ser mulher, seu uso rejeita explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina. Para Scott (1995), “gênero torna-se uma forma de indicar ‘construções culturais’”. É uma categoria social, ou seja, um instrumento de análise capaz de explicar uma determinada face das relações sociais, assim como classe e raça/etnia. Indica os traços típicos, os papéis que culturalmente foram atribuídos a homens e mulheres, estabelecendo um determinado padrão de relações sociais. Pode-se dizer que gênero é o sexo socialmente construído, ou seja, o homem e a mulher do jeito que são moldados, construídos e reconhecidos por uma determinada sociedade, numa determinada cultura.

Portanto, falar de gênero não é a mesma coisa que falar de sexo. Quando falamos de sexo, nos referimos às diferenças biológicas, que diferenciam as mulheres e homens no nascimento. Quando falamos de gênero, nos referimos aos papéis sociais, às representações e as identidades que são construídas, a partir das ideias do que seja o homem e a mulher, o masculino e o feminino. Gênero se refere às relações sociais entre homens e mulheres. Estas relações não são naturais e dependem do contexto onde se desenvolvem e estão diretamente relacionadas à educação, a cultura, a política e a economia.

De acordo com Saffioti (2004) apud Silva e Menegat (2010), a identidade de gênero está relacionada intimamente com as relações que são estendidas com o passar do tempo de vida do indivíduo, ao longo de sua trajetória, construída historicamente e socialmente. Tais relações nem sempre são harmônicas, sendo muitas delas permeadas por relações de poderes, desiguais no que diz respeito a pertencimentos sociais, seja entre homens

SILVA, Iara Ribeiro; MACHADO, Lúcia Helena de Assis. *Relações de gênero e a Pedagogia da Alternância na Escola Família Agrícola de Orizona/GO.*

e mulheres, seja entre pais, mães e filhos e filhas. Dessa forma, são criadas hierarquias de poder e mando. Desse modo, se entende o Poder na concepção de Foucault, (1979):

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas, estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (apud SILVA e MENEGAT, 2010, p.07).

Ainda hoje, apesar todas as transformações ocorridas na condição feminina, muitas mulheres não podem decidir sobre suas vidas: não se constituem enquanto sujeitos, não exercem o poder e, principalmente, não acumulam esse poder, mas o reproduzem. Não para elas mesmas, mas para aqueles que de fato controlam o poder. As pequenas parcelas de poder ou os pequenos poderes que lhes tocam e que lhes permitem romper, em alguns momentos ou circunstâncias, a supremacia masculina, são poderes tremendamente desiguais. Neste sentido, Gebara (2001) citada na Cartilha da Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais da Região Sul do Brasil (2008), afirma:

Propomos uma reapropriação do nosso poder, de poder roubado. Não se rouba só casa. Não se rouba só terra, se rouba poder. Rouba-se poder quando se convence ou outros, mesmo, que eles não têm poder. Isto é roubo, iminuição. Nós mulheres não queremos entrar na estrutura da diminuição [...] queremos, reapropriar-nos de um poder que nos constitui (p. 11 e 12).

O debate de gênero foi apresentado à sociedade por causa da necessidade dessa demanda, em vista de alterações do poder centralizado, hierarquizado. E, puxado, especialmente pelas mulheres.

Somente quando elas conseguirem superar a identidade subalterna e se colocar como ser que vale tanto quanto o outro vai ser possível falar em igualdade de gênero, em sexualidade realizada! Para tanto, é necessário desconstruir a inferiorização e a invisibilidade das mulheres (ASSOCIAÇÃO DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS DA REGIÃO SUL DO BRASIL, 2008, p 13).

Com a recuperação do poder roubado, que possibilitará a identidade não mais de *ser subalterno*, mas, sim de *pessoa realizada*, pode-se ir dando passos rumo ao que se chama de *novas relações de gênero*. Somos iguais no campo do Direito, mas é preciso respeitar e compreender as diferenças existentes, questionar o biológico, romper as relações de hierarquia, pensar pedagogias, negar os pré-conceitos, criticar os padrões que são impostos a homens, mulheres, crianças e jovens. Desta forma, os estudos feministas ou os estudos de gênero poderão ampliar os espaços para reflexões, novas fontes de pesquisa, linguagem científica, paulatinamente uma perspectiva política que poderá propiciar o respeito às diferenças de cada indivíduo.

Refletir sobre as relações de gênero e poder nos subsidiam para o entendimento das desigualdades de gênero, discussão tão necessária na contemporaneidade, ao expor publicamente que homens e mulheres têm papéis e funções sociais diferenciadas, esta distinção coloca tais sujeitos em processos desiguais nas suas condições de vida, no trabalho e nas relações afetivas e sexuais.

Ao compreender gênero como construção social e como elemento que organiza as relações sociais e está presente em toda sociedade, na cultura, na política, na família, na economia e inclusive na educação, é que as Escolas Famílias Agrícolas passam a compor este espaço de debate e diálogo onde as relações de gênero são reproduzidas e onde podem ser transformadas. A partir de uma proposta pedagógica diferenciada, que propõe uma educação emancipadora e leva os jovens a construir novas relações a partir do itinerário pedagógico que os torna responsáveis e atores de sua própria formação.

Pedagogia da Alternância – Uma proposta de Educação emancipadora

O surgimento da primeira MFR – Maison Familiale Rurale na década de 1930, no interior da França, se deu pela insatisfação das famílias camponesas com forte êxodo rural dos seus filhos que necessitavam continuar seus estudos nos grandes centros, e com o conteúdo que estes recebiam nas escolas que frequentavam que nada tinha a ver com a realidade vivida pelos jovens e suas famílias.



Arquivo UNEFAB-Brasil.

A insatisfação com esse modelo de escola que tirava os jovens de sua realidade e o conduzia para a negação de seu meio, suas raízes, sua identidade, cultura, ideologias e que os orientava para a construção de novos valores e referências, levou os pais a se organizarem em associação, apoiados pelo Padre Abbè Granereau a lutarem por uma educação contextualizada, adaptada ao meio rural. Neste contexto surge a Pedagogia da Alternância, resultado da organização das famílias camponesas, tendo em vista a solução de um problema local de adaptação do ensino a um meio social onde o trabalho e as relações de poder possuíam suas particularidades diferentes da realidade dos centros urbanos.

Para Jesus (2011), esta proposta de escola esta alicerçada em quatro pilares, dois deles são meios e dois são fins: “Uma pedagogia apropriada, denominada Pedagogia da Alternância; A responsabilidade e condução da escola pelas famílias, através da Associação das Famílias; Uma proposta de formação integral e personalizada dos educandos e a Promoção do Desenvolvimento local e sustentável do meio onde vive o jovem”.

Esses pilares foram definidos ao logo da história do movimento das EFAs, desde o princípio a defesa foi por uma escola que fosse de natureza familiar, assumida pelas famílias, com um método apropriado de contextualização da educação e que unisse teoria e

SILVA, Iara Ribeiro; MACHADO, Lúcia Helena de Assis. *Relações de gênero e a Pedagogia da Alternância na Escola Família Agrícola de Orizona/GO.*

prática, com o objetivo de formar educandos na dimensão integral e profissional e que proporcionasse uma formação que transformasse o entorno em que viviam os agricultores.

De acordo com Jean-Claude Gimonet, em seu livro *Praticar e Compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs*³ (2007, p.122), “A Pedagogia da Alternância é uma pedagogia da complexidade”, por que: ela quer contemplar finalidades ambiciosas; ela nega os isolamentos, as simplificações e os reducionismos; é uma pedagogia da relação, da interface; tece elos e relações humanas, ela simplifica uma cooperação, uma parceria; permite viver uma aprendizagem em continuidade (experienciais e científico-prático e teórico-profissionais e gerais...).

Os CEFFAs, ao recusar o “todo escola” ou “todo terreno ou empresa” como únicos espaços de formação, compreenderam que o ser humano, na sua complexidade, só pode desenvolver-se na complexidade que constitui sua vida e seus diferentes componentes em interação (física, familiar, social, profissional, cultural, espiritual, escolar...). Dessa maneira, os CEFFAs vêm afirmando que não poderia haver desenvolvimento de uma pessoa fora ou em oposição ao seu meio vivencial. (GIMONET, 2007, p.122)

Ainda, de acordo com Gimonet (2007), os CEFFAs enunciam duas finalidades em interação, 1º finalidade - A da *educação*, da *formação* e da *orientação* dos adolescentes, a fim de permitir-lhes a uma inserção social, profissional e, além disso, cultural. Educar e formar significa o desenvolvimento global - integral da pessoa em todas as suas dimensões (intelectuais, físicas, afetivas, sociais, relacionais, culturais, espirituais...). Orientar significa ajudar cada um a definir-se, a encontrar o seu caminho. 2º finalidade - O desenvolvimento dos territórios onde se encontram os jovens, essa noção de desenvolvimento é ampla porque ela compreende de vez, o econômico, o meio ambiente e o humano. Neste caso a formação, toma um sentido diferente do que somente a preparação do diploma, a formação se inscreve num contexto e é portadora de uma dimensão de cidadania e de solidariedade tanto local como planetária.

Dessa forma, a Pedagogia da Alternância propõe uma formação integral que respeita as dimensões da pessoa, formando cidadãos autônomos, com consciência crítica e solidária que constituem a base do desenvolvimento pessoal e comunitário. Para atingir os

³ CEFFAs – Centros Familiares de Formação por Alternância, esta sigla representa as EFAs – Escolas Famílias Agrícolas, Casas Familiares Rurais e Escolas Comunitárias Rurais; ambas adotam a Pedagogia da Alternância.

SILVA, Iara Ribeiro; MACHADO, Lúcia Helena de Assis. *Relações de gênero e a Pedagogia da Alternância na Escola Família Agrícola de Orizona/GO.*

seus objetivos esse modelo de educação, além de ter como meio uma pedagogia apropriada, conta com a participação das famílias na responsabilidade de condução dos CEFFAs, por meio da associação de famílias.

É nesse contexto, de uma pedagogia que reconhece o jovem como sujeito de sua própria formação, que este trabalho vai buscar na Escola Família Agrícola de Orizona, respostas para as relações de gênero que são construídas de forma diferenciada. A luz dos documentos teóricos sobre a Pedagogia da Alternância, a prática docente e a vivência no dia-a-dia da escola.

O Papel do Monitor e a Sua Prática Pedagógica

De acordo com os preceitos da Pedagogia da Alternância, são formadores todas as pessoas que atuam no centro educativo e não somente os professores. São também o pessoal auxiliar de secretaria, cozinha, manutenção, etc. Todos cumprem uma função diferente, mas importante, a convivência, o trato pessoal devem ser um processo educativo compartilhado por todos. Para Puig (2003), os formadores dos CEFFAs são agentes educativos, que através de sua responsabilidade de animar o conjunto de elementos e pessoas que atuam no processo, devem desempenhar funções e missões específicas, portanto, precisam de formação específica diferente daquelas do professor presente nos outros sistemas.

Neste sentido, F. Nové-Josserand (1987), citado por Puig (2006), ainda acrescenta:

O lugar da formação é a escola, mas também a família, a propriedade ou empreendimento familiar e tudo que constitui o entorno, a comunidade, a oficina da vida. Por isto, os primeiros protagonistas da Maison Familiale Rurale de Lauzun, não apelaram para uma escola existente de bom nível da região. Preferiram uma fórmula nova, mais adaptada às suas necessidades peculiares. Uma escola em que o livro didático mais importante fosse a vida, em que o docente fosse, sobretudo, um animador, um guia que ajudasse a jovem a desenvolver sua personalidade. Este papel do monitor é muito distinto do professor tradicional e requeria, conseqüentemente, uma formação adaptada à nova pedagogia.

De acordo com Gimonet (1999), citado por Fonseca (2006),

os monitores são componentes essenciais na formação por alternância, estes são encarregados diariamente do funcionamento pedagógico e administrativo do CEFFA. O perfil desse profissional, não pode ser aquele de um professor tradicional. A alternância por si, implica em um estatuto e funções específicas e em uma preparação para a função através de uma formação inicial, atualizada periódica e formação continuada.

Nesta proposta de educação sistêmica da Pedagogia da Alternância, o professor/monitor não é aquele que tem mais conhecimentos e o transfere para os estudantes, mas sim, aquele que acompanha, orienta em direção as fontes do conhecimento, ajuda na construção e facilita a aprendizagem. De acordo com Jesus (2011), esta proposta educacional é marcada por pressupostos que elegem o educando como sujeito do processo educativo, a experiência como ponto de partida do processo de construção do conhecimento e a parceria como possibilidade concreta do trabalho.

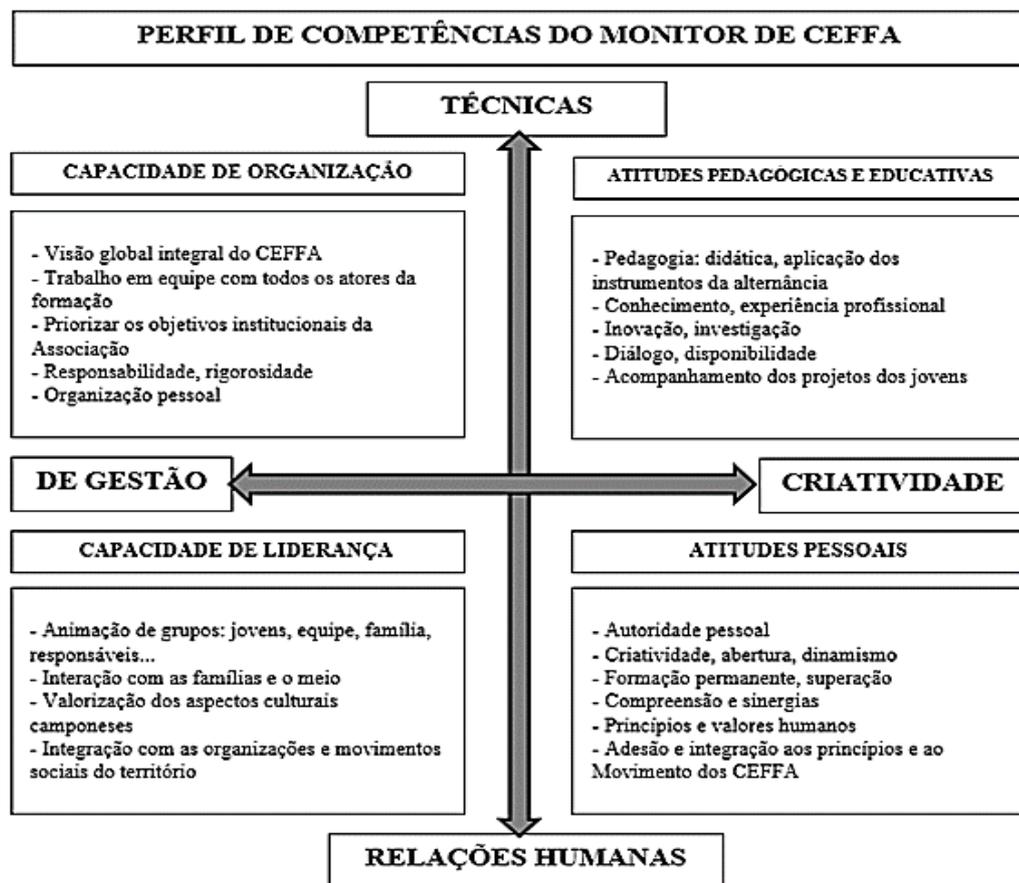
Aqui é importante ressaltar, que o professor/monitor sempre irá partir da realidade do estudante, daquilo que ele trás de experiência da sua vida prática e da sua vivência em comunidade. O conhecimento não é somente do professor, o aluno não é um ser abstrato, é uma pessoa que vem de uma realidade concreta, com uma historia de vida, projetos pessoais e profissionais, que tem uma convivência familiar, e está inserido em um ambiente social, profissional e cultural. Neste contexto, pensar o perfil do professor/monitor, pressupõe pensar em um profissional diferenciado, capaz de articular a teoria e a prática, o saber teórico ao saber existencial, conhecedor do contexto em que está inserido o estudante.

Gimonet (2007) define o professor/ monitor como o autor da complexidade, que sabe enfrentar, gerir a complexidade educativa, assumindo uma diversidade de encontros e confrontos com as realidades da vida profissional, das empresas, do mundo produtivo, do trabalho, da vida social do meio em que vive o educando, sendo que este constitui o primeiro componente do sistema; encontros e confrontos com parceiros e co-formadores de cada educando alternante: pais, mestres de estágios, orientador educacional, etc; encontros e confrontos com grupo de trabalho e equipe pedagógica, porque todas essas funções só podem ser exercidas com complementaridade no seio do coletivo educativo. A competência do monitor está em harmonizar as diversas tarefas que exigem para a formação em alternância, a responsabilidade das famílias, o trabalho em equipe e o desenvolvimento e avanços da Associação, que é no CEFFA o espaço de promoção das pessoas e um instrumento de participação na ação social e no desenvolvimento local.

Os monitores desenvolvem uma responsabilidade educativa de orientação e acompanhamento dos alunos nas vivências em grupo, que implica uma atuação em vários planos e funções, constituindo, dessa forma uma identidade diferenciada dos demais docentes (SILVA, 2004, citado por JESUS, 2011, p.88).

Todas estas qualidades que devem ter os monitores vão sendo adquiridas com a experiência e com a formação específica dos monitores na pedagogia da Alternância, missão primordial das estruturas organizacionais nacionais ou regionais do movimento. Esta formação permite que os monitores se apropriem dos fundamentos teóricos, filosóficos e metodológicos, a fim de integrarem-se no trabalho das escolas.

O esquema abaixo resume de forma gráfica as competências necessárias de um monitor.



(PUIG, 2010, p.81)

O Jovem em Formação

A principal missão dos CEFFAs é a educação dos jovens. Esse é o principal motivo pelo qual as famílias levam seus filhos aos centros de formação e lhes confiam aos monitores e a Associação local. Nos CEFFAs, mais que a formação profissional, o importante é formar os jovens com personalidade, capazes de se adaptarem as evoluções e se converterem em atores e atrizes, na vida social, cultural, política, econômica e profissional.

O período em que os jovens passam nos centros educativos é determinante para a construção da personalidade, os pré-adolescentes e adolescentes, estão em um período chave para orientar suas vidas, para construírem seus projetos de vida pessoal e profissional.

Enquanto um princípio original da Pedagogia da Alternância, a vivência em internato durante a semana em que o aluno fica no meio escolar, tem como pressuposto que a vida tem valor de educação, de reflexão, de formação. Assim, a ruptura, o distanciamento do meio de vida constitui uma estratégia educativa para propiciar os jovens uma melhor percepção e, conseqüente, uma reflexão sobre a sua realidade, estimulando uma nova visão do contexto familiar, da propriedade e das questões cotidianas presentes na sua realidade socioeconômica, que passam assim constituir objetos da formação (SILVA, 2004, p.73, citado por JESUS, 2011, p.89).

Sabemos que a adolescência é um período transitório da vida, em que deixamos a infância e passamos para vida adulta. Este período, que por vezes é vivido como uma crise está igualmente, carregada de boas ocasiões que permitem ao jovem descobrir e construir as bases de sua vida e forjar a sua personalidade. É neste período também, que o jovem necessita ser valorizado, escutado, ser levado em conta para contrastar os seus conhecimentos e ter a possibilidade de construir o seu pensamento. Estes processos pelos quais passam os adolescentes é que os levarão à sua autonomia e a conquista do seu próprio espaço.

Os instrumentos e as atividades da Pedagogia da Alternância facilitarão o processo de estruturação de sua personalidade. Para Puig (2007), estes instrumentos podem ser de uma particular relevância.

- **A Tutoria:** instrumento de valorização do trabalho pessoal na escola e no meio socioprofissional. Quer dizer, acompanhamento personalizado de cada um dos jovens, a partir do seu próprio projeto pessoal e profissional.
- **O Plano de Estudo,** junto com outros instrumentos próprios: visitas de estudo, contribuições externas dos profissionais, cursos técnicos etc., que darão lógica a formação geral e técnica.
- **O Ritmo da Alternância,** que permite períodos de aprendizagem distintos e complementares entre o meio profissional e a escola, o que permitirá ao monitor partir da realidade para dar sentido e significado às aprendizagens no quadro de um Plano de Formação adequado.
- **A vida na Residência no regime de internato:** horários, atividades não escolares, a convivência, a vida em grupo que – se a equipe de monitores conduz bem – são uma fonte de educação na vida social e democrática e permite aos jovens: ocasiões de trabalho, de diálogo, de diversão, de estudo acompanhado, de formação artística, cultural, entre outras. (PUIG, 2010, p.90,91)

É importante considerar que nos CEFFAs todas as possibilidades que se apresentam, são educativas/formadoras. Neste sentido o professor exerce a sua função, enquanto dá aula, nos tempos livres previstos para os alunos, na conversa informal, na organização da limpeza dos dormitórios, do refeitório, da sala de aula e dos demais ambientes da escola. O que se pretende é que a convivência neste espaço seja familiar e que todas as tarefas devem ser feitas pelos alunos, independente do sexo, homens lavam a louça, limpam o refeitório, meninas cuidam dos animais, regam a horta e vice e versa.

A convivência dos jovens em grupo durante o período de internato é uma verdadeira abertura para vida em sociedade. Para Puig (2010),

Os tempos vividos fora das atividades própria da docência permitem ocasiões favoráveis de abertura a outros, companheirismo, amizade, intercâmbio, solidariedade.... Quer dizer, através das relações, de virtudes e da coesão em grupo. Esta vontade de privilegiar o grupo tem a ver com a psicologia do adolescente, porque no grupo o jovem adquire autoestima e se valoriza “pelos outros”. Constitui uma forma social que pode compensar, até certo ponto, a situação de inferioridade, na qual normalmente se encontra o adolescente e que lhe permite adquirir experiências sociais. Se sente seguro, conhecido e querido, não um número anônimo de uma massa. Com grupos pequenos, é fácil aceitar a autodisciplina e o respeito às diferenças. Também, aprender a viver em sociedade e atuar livremente, mas com responsabilidade pessoal. Favorece um ensino mais personalizado onde cada um, inclusive o mais tímido, pode afirmar a sua personalidade (p.92).

Desse modo, podemos dizer que a Pedagogia da Alternância proporciona, em espaços e tempos diferenciados, a quebra da rotina, o desafio constante da convivência e a abertura para a construção de novas relações entre homens e mulheres jovens.

O Itinerário Pedagógico da Escola Família Agrícola de Orizona e a Construção de Novas relações de Poder e Gênero

A EFAORI (Escola Família Agrícola de Orizona) é um Centro Familiar de Formação por Alternância (CEFFA), ligada à Associação das EFAs (Escolas Famílias Agrícolas) no Estado de Goiás e à União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil, de caráter público-comunitário, é mantida pelo CSRO (Centro Social Rural de Orizona) desde o ano 1999 quando surgiu. Tem como principal atividade a Educação Profissional na formação de jovens no Curso Técnico em Agropecuária de Nível Médio. Desde a sua fundação a EFAORI⁴ já formou mais de 300 técnicos em agropecuária de nível médio.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, a formação oferecida pela escola visa proporcionar aos jovens do campo, através do sistema de Alternância e regime de internato a formação necessária para o desenvolvimento de suas potencialidades, fundamentado nos valores da liberdade, igualdade, fraternidade, dignidade, do respeito às pessoas. O intuito principal de proporcionar uma educação do campo de qualidade para jovens, filhas e filhos de pequenos produtores rurais, evitando assim o aumento do êxodo rural.

O curso Técnico em Agropecuária de nível médio acontece na Escola Família Agrícola, por meio do regime de Alternância e em regime de internado, em que o aluno permanece uma sessão de uma semana na escola e uma sessão de semana no meio socioprofissional familiar. De acordo com Projeto Político Pedagógico estas duas semanas de estudo se organizam da seguinte forma:

Na sessão escola são aplicadas atividades presenciais, teóricas e práticas envolvendo as disciplinas e conteúdos da educação profissional e ensino médio. Na sessão família, levam para casa, para o meio socioprofissional atividades de retorno ao meio para serem aplicadas, desenvolvidas na convivência da família. Essa dinâmica acontece mediante a utilização da metodologia da Ação x Reflexão X Ação, na Pedagogia da Alternância pela significação Observar X Refletir X Transformar em forma de educação contextualizada em um Plano de Formação por instrumentos pedagógicos específicos (PPP, EFAORI, 2015, p.8)

A organização dos tempos formativos dentro da Escola Família Agrícola é feita dentro de um Plano de Formação que é definido por Puig (2004) como uma representação

⁴ Escola Família Agrícola de Orizona.

gráfica do programa de formação. Reúne a dinâmica interdisciplinar e transversal da organização dos conteúdos curriculares aliados a tema geradores e Planos de Estudos distribuídos no tempo de formação. Ou seja, o tempo que envolve estadias no meio socioprofissional e no meio escolar, no centro de formação. Este Plano de formação possui instrumentos pedagógicos específicos:

1. Plano de Estudo – O Plano de estudo (PE) é uma mediação da Pedagogia da Alternância que integra a vida, o trabalho, a família com a EFA. É ele que proporciona a aproximação dos saberes empíricos ao saber científico. O Plano de Estudos norteia os conteúdos a serem ministrados nas disciplinas ou Unidades Didáticas, partindo assim da realidade do(a) educando(a) para o aprofundamento dos conhecimentos científicos de modo que dele decorram sínteses individuais e colocação em comum em todas as disciplinas ou unidades didáticas do respectivo curso. É um método de pesquisa participativa que possibilita aos educadores e educandos (as) analisar os vários aspectos de sua realidade, promovendo uma relação autêntica entre a vida e a escola.

2. Caderno da realidade – Trata-se de uma das principais mediações metodológicas da Pedagogia da Alternância. É um caderno onde o educando registra suas reflexões a cerca da realidade e a cerca das principais questões discutidas no Plano de Estudo. Nele está a síntese individual, síntese geral, uma ilustração sobre o tema abordado no Plano de Estudo e uma folha de observação.

3. Caderno de acompanhamento – Este cumpre a função integradora entre a escola e a família. Por meio dele é possível dialogar sobre as aprendizagens construídas nos dois espaços. Nele o estudante realiza a sistematização das principais atividades desenvolvidas na sessão escola e na sessão família. E também a possibilidade de avaliação entre a escola e a família.

4. Visitas e viagens e estudo – Tem como objetivo principal proporcionar ao aluno um aprofundamento real sobre o tema estudado. É um momento para conhecer, perceber contradições, confirmar hipóteses estabelecer intercâmbios, superar dúvidas. As visitas e viagens de estudo estão garantidas no plano de formação como propostas vivenciais de formação.

5. Serões – São espaços de reflexão, integração, atividades artísticas, debates, que ocorrem nas sessões noturnas e que favorecem a realização de diferentes atividades com os alunos.

SILVA, Iara Ribeiro; MACHADO, Lúcia Helena de Assis. *Relações de gênero e a Pedagogia da Alternância na Escola Família Agrícola de Orizona/GO.*

6. Visita às famílias – Trata-se de uma prática imprescindível para o fortalecimento do trabalho da escola. Possui caráter de acompanhamento do aluno e integração com a família. É um momento para troca de ideias sobre questões sociais, pedagógicas, agrícolas, ligadas diretamente ao meio familiar e escolar do aluno.

7. Projeto Profissional do Jovem – É um instrumento avaliativo da aprendizagem e do desenvolvimento de competências e habilidades profissionais que equivale ao Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, diferenciando deste a abrangência que não somente técnica, mas também e destacadamente associada ao objeto o trato especial às dimensões política, socioambiental e econômica do respectivo.

8. Estágio Profissional - Constitui mais um dos recursos utilizados na organização pedagógica para a promoção do processo ensino-aprendizagem e do desenvolvimento de competências e habilidades profissionais que conferem o Perfil Profissional de Conclusão. As atividades de estágio serão programadas e possuirão carga horária compatível com as exigências legais e manterão pertinência com a modalidade e área do conhecimento a que se relaciona, bem como atenderão a legislação vigente e normas dos órgãos competentes, podendo, todavia, ser ou não o Estágio Profissional obrigatório.

9. Tutoria – É um acompanhamento personalizado. Casa monitor tem o papel de incentivar, acompanhar, orientar seus educandos na realização de seus projetos profissionais, na vivência em grupo e no engajamento comunitário e social.

10. Coletivos de Jovens - Há uma organização dos estudantes em pequenos grupos de participação no planejamento, gestão, manutenção e limpeza na forma de rodízio em dez áreas de atuação: 1. Sala de Aula; 2. Biblioteca, Esporte e Lazer; 3. Refeitório; 4. Pátio e Jardim; 5. Plantas Medicinais; 6. Olericultura; 7. Fruticultura; 8. Bovinocultura e Fábrica de Ração; 9. Suinocultura; 10. Avicultura. Os estudantes da terceira série são líderes coordenadores eleitos no início do ano por afinidade, fixos durante um semestre. Os estudantes da primeira e da segunda série são distribuídos em grupos de atuação em duas sessões em cada área, de forma que passam por dois Coletivos no bimestre.

11. EFA na Comunidade - É uma espécie de um dia de campo, realizado de acordo com o calendário escolar, seguindo uma orientação de realização em regiões distintas de abrangência da escola, onde neste momento são levadas para toda a comunidade da região, fazendo ela parte ou não da EFAORI, palestras de temas diversos, práticas para contribuir em suas

SILVA, Iara Ribeiro; MACHADO, Lúcia Helena de Assis. *Relações de gênero e a Pedagogia da Alternância na Escola Família Agrícola de Orizona/GO.*

propriedades e ou comunidades, demonstração de atividades que estão dando certo em propriedades de estudantes ou da escola, sendo que os assuntos abordados são em comum acordo com a comunidade escolar daquela região.

O processo de avaliação é contínuo e formativo, leva em conta todo o processo de ensino aprendizagem, escola/família. A vivência representa uma aprendizagem contínua, assim necessita de instrumentos adequados que permitam avaliar o desenvolvimento do estudante nas novas atitudes, suas relações práticas no momento em que passa no meio familiar e no meio escolar, permitindo apreender sua capacidade de expressão, aquisição de novos conhecimentos, em nível intelectual/humano/social e de aplicação prática.

A partir da descrição do itinerário pedagógico da Escola Família Agrícola de Orizona que parte da Proposta Pedagógica da Pedagogia da Alternância que se organiza por meio de um Plano de Formação com instrumentos específicos conclui-se que esta experiência educativa é diferente das demais experiências de educação espalhadas pelo Brasil, logo propõe que os jovens que ingressam nesse modelo de escola sejam diferentes em sua formação e em seu comportamento enquanto pessoa, enquanto cidadão. Todo itinerário pedagógico, parte da realidade do jovem e, ele é sujeito da formação, tudo é pensado para que ele se desenvolva e amplie suas capacidades.

Esta proposta contempla os anseios da Comunidade, pois fortalece os princípios do aprimoramento do jovem como pessoa humana, fortalece os laços de solidariedade e de tolerância recíproca, formação de valores, formação ética, desperta para o exercício da cidadania, compreende os fundamentos científicos e tecnológicos dos processos produtivos, relaciona a teoria com a prática, o estudante é capaz de continuar aprendendo, ter autonomia intelectual e pensamento crítico.

Pensando sobre o que isso tem a ver com a construção de relações de gênero diferenciadas, particularmente essa não é uma temática explícita do ponto de vista do arcabouço pedagógico da escola, mas a forma com que esta escola se organiza propõe automaticamente que estas relações sejam construídas harmonicamente e diferenciadas, levando aos jovens para a construção de sua autonomia e emancipação. De acordo com Adorno e Kant, (apud COSTA, 2016, p.42), emancipação representa a capacidade do indivíduo de libertar-se de sua condição de minoridade para atingir sua autonomia e a independência de uma tutela que o domina e controla. Esse modelo de educação que coloca o

SILVA, Iara Ribeiro; MACHADO, Lúcia Helena de Assis. *Relações de gênero e a Pedagogia da Alternância na Escola Família Agrícola de Orizona/GO.*

jovem no centro e o torna responsável pelo próprio desenvolvimento, apoiado por um grupo de colaboradores/monitores, parceiros da formação, permite que as jovens mulheres, vindas de famílias camponesas e de comunidades extremamente machistas e patriarcais, possam se desenvolver em condições iguais aos homens.

Segundo Rocha (2007):

o alternante, não é um aluno na escola, mas um ator socioprofissional que entra em formação permanente. Com eles se pratica um estratégia personalística, isto é, do “eu” no meio do “nós” e de ambientes; estratégia de cooperação educativa porque cada alternante, através de sua experiência de vida pessoal (familiar, profissional, social, cultural, etc) é portador de saberes a serem transmitidos. (ROCHA, 2007, p. 11)

Esta proposta de Formação Integral visa o desenvolvimento global dos jovens, com originalidade. Neste sentido, a profissão é considerada como um meio de acesso a cultura e, portanto, a formação profissional e associada a formação geral. De acordo com Duffaure (1973) apud Rocha (2007) as escolas famílias agrícolas não se contentam em formar homens para que sejam agricultores. Elas têm a ambição de formar agricultores, para que sejam homens.

Conclusão

Falar de relações de Poder e Gênero nos dias atuais não é fácil, pois vivemos em uma sociedade extremamente machista e patriarcalista, na qual está impregnado que o poder é uma questão que só o sexo masculino pode exercer, principalmente, pela associação direta que se faz com a força física própria do sexo masculino. E que gênero deve ser usado apenas para distinguir o masculino e o feminino.

Quando paramos para refletir e pesquisar sobre o assunto em questão, nos deparamos primeiramente com a situação de exclusão das mulheres da sociedade. Elas foram historicamente excluídas de todas as áreas que lidam de alguma forma com o poder. Foram e são destinadas a elas, tarefas em que seu nível de poder não influenciam ou pouco influenciam no crescimento e na mudança da sociedade. Algumas tarefas ao longo do desenvolvimento da sociedade foram rotuladas como exclusivamente tarefas femininas, como por exemplo, cuidar da casa e da educação dos filhos.

Porém, podemos perceber que, apesar dessa situação de exclusão, as mulheres não se acomodaram e começaram a romper com o silêncio que lhes fora destinado. Perceberam que tinham forças e podiam também exercer o poder que era destinado aos homens, gerando o conflito que vivenciamos até os dias de hoje. De alguma forma, esse conflito levou a várias conquistas do ponto de vista da ocupação dos espaços de poder, ampliação de postos de trabalho e maior inserção das mulheres no mercado de trabalho, ganho do próprio dinheiro, o voto feminino, ocupação de cargos públicos e etc..

Todas as conquistas e toda luta que existe pela ocupação dos espaços de poder partem da nova compreensão do que é gênero, que já não serve mais apenas para diferenciar masculino e feminino, mas serve para dar significado as relações de poder que são socialmente construídas. Portanto, gênero tem a ver com educação, com formação, só quando se aprende a reconhecer as práticas patriarcais e machistas e que se pode lutar contra elas e ocupar os espaços de poder enquanto mulher.

Partindo desse ponto de vista é que este trabalho foi buscar na Pedagogia da Alternância, uma proposta de formação integral, que visa à formação profissional e a emancipação dos jovens. De acordo com Souza (2006), a Pedagogia da Alternância proporciona, em espaços e tempos diferenciados, a quebra da rotina, o desafio constante, a convivência (entre homens e mulheres), a abertura para a construção de novas relações. A quebra de tabus e o rompimento da educação patriarcalista que educa as mulheres para a submissão em relação aos homens. A educação aqui proposta, reconhece a formação que os jovens trazem de suas famílias e propõe de maneira didática a mudança desses valores e a necessidade do empoderamento das mulheres, de modo que todas as atividades realizadas pressupõe a participação de ambos os sexos.

A escola Família Agrícola de Orizona, instrumento de pesquisa deste trabalho, confirma em seu Projeto Político Pedagógico a construção de relações humanizadoras. Não há outra maneira de construir novas relações de poder e gênero sem pensar em relações humanizadoras, proporcionando espaços onde homens e mulheres exerçam o mesmo poder e façam as mesmas tarefas sem distinção.

Neste sentido, a EFAORI através da Pedagogia da Alternância reforça em seu Projeto Político Pedagógico, ser este o papel de uma escola na concepção de uma educação libertadora, ou seja, possibilitar espaços pedagógicos que possibilitem reflexões sobre as

SILVA, Iara Ribeiro; MACHADO, Lúcia Helena de Assis. *Relações de gênero e a Pedagogia da Alternância na Escola Família Agrícola de Orizona/GO*.

diversas relações humanas e sociais existentes na sociedade historicamente. Negar esse papel é reproduzir e reafirmar relações sociais que fortalecem a ideologia de opressão e reduzir o papel da escola à mera reprodutora social e não a perceber como espaço de problematização sobre o reconhecimento dos sujeitos e da diversidade de seus saberes, apostando na compreensão de que o “ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implica em re-conhecer” (FREIRE, 1994, p.47).

Finalmente, como indicação para um novo trabalho, eventuais pesquisas futuras, poderia ser muito útil, investigar como as questões culturais influenciam o comportamento e as relações de gênero em um âmbito pedagógico. Compreendendo esta como uma questão necessária no debate da construção de novas relações de gênero.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS DA REGIÃO SUL DO BRASIL. *Cartilha: gênero, sexualidade e direito das mulheres*. 2008.

BEGNAMI, João Batista; GIMONET, Jean-Claude. *Uma Geografia da Pedagogia da Alternância no Brasil & Método Pedagógico ou novo sistema educativo? A experiência das Casas familiares Rurais*. Cidade Gráfica e Editora Ltda. Documentos Pedagógicos - UNEFAB 2004.

COSTA, Agnaldo Chagas. *Pedagogia da alternância: emancipação e territorialização nas Escolas Famílias Agrícolas*. Dissertação. Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2016.

COSTA, Ana Alice. *Gênero, poder e empoderamento das mulheres*. Disponível em: <http://www.agende.org.br/docs/File/dados_pesquisas/feminismo/Empoderamento%20-20Ana%20Alice.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2008.

FONSECA, Aparecida Maria. *Universidade e Pedagogia da Alternância: compromisso com a formação de educadores*. Encruzilhadas da Universidade Particular: Caminhos e possibilidades. Brasília, DF: Universa, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

SILVA, Iara Ribeiro; MACHADO, Lúcia Helena de Assis. *Relações de gênero e a Pedagogia da Alternância na Escola Família Agrícola de Orizona/GO.*

GARCÍA-MARIRRODRIGA, R. e PUIG-CALVÓ, P. *Formação em alternância e desenvolvimento local: o movimento educativo dos Ceffa no mundo.* Belo Horizonte, MG: O Lutador, 2010.

GEBARA, Ivone. *Cultura e Relações de Gênero.* São Paulo. Cepis,

GIMONET, Jean-Claude. *Perfil, estatuto e funções dos monitores.* In: *Pedagogia da Alternância e Desenvolvimento.* Primeiro Seminário Internacional, Salvador 03 a 05 de novembro de 1999. P 124-131.

GIMONET, Jean-Claude. *Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAS.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

JESUS, Janinha Gerke. *Formação de professores na pedagogia da alternância.* Vitória, ES: GM, 2011.

OLIVEIRA, Isabel Xavier de. *A formação Integral nos Centros Familiares de Formação por Alternância.* Revista da Formação por Alternância, Brasília; CEFFA, v.1, n.5,2006.

PEREIRA, Ana José. *Corpos em relação interpretam a bíblia e a vida.* Monografia. Especialização em Assessoria Bíblica – Escola Superior de Teologia, instituto ecumênico de pós-graduação. São Leopoldo, RS, 2006.

SALES, Celecina de Maria Veras. *Gênero e juventude rural: permanência de traços da herança cultural camponesa e a produção de novos valores na construção do presente.* Anais do VII Seminário Fazendo Gênero – 2006 – Universidade Federal do Ceará – GT Gênero e Juventude – ST 01.

SILVA, Ana Paula Alves da e MENEGAT, Alzira Salete. *Relações de gênero e poder no âmbito do privado dos(as) alunos(as) da EFA (Escola família Agrícola de Itaquiraí) Um estudo de caso.* <http://www.uniara.com.br/legado/nupedor/nupedor_2010/00%20textos/sessao_8/08-06.pdf>. Acesso em 05 de out. 2016.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica.* Educação e Realidade, V.20(2), 1995.

SOUZA, Joana D’Arc de. *Possibilidade para um novo modelo de educação do campo: um estudo na Escola Família Agrícola de Orizona, Goiás.* Monografia (Especialização Extensão Rural para o Desenvolvimento Sustentável) Universidade de Brasília - UnB, Centro de Desenvolvimento Sustentável. Brasília, 2006.

Recebido em 28/06/2017

Aprovado em 30/06/2017